

Rituais fúnebres militares: o túmulo dos Fuzileiros Navais mortos na Intentona Integralista de 1938

ADRIANE PIOVEZAN*

Resumo:

As homenagens e comemorações em memória dos mortos durante a Intentona Integralista de 1938 expressam como o uso político da morte foi umas das estratégias utilizadas tanto por parte da Marinha como pelos integralistas. Os fatos que originaram a construção desses dois jazigos ocorreram na madrugada do dia 11 de maio de 1938 com uma tentativa de golpe de estado que derrubaria Getúlio Vargas do poder. Fracassado, o resultado violento deixou 7 fuzileiros navais fiéis ao governo mortos e uma dezena de caídos do lado dos rebeldes integralistas. Os confrontos mais acirrados ocorreram no Ministério da Marinha, posteriormente demolido após esse evento, e no Palácio Guanabara, moradia de Vargas. Centenas de prisões foram realizadas e o evento foi chamado pela historiografia como o Putsch Integralista ou Intentona Integralista. Um túmulo foi construído no Cemitério São João Batista no Rio de Janeiro, localizado na alameda principal em granito e com uma sentinela em tamanho natural em bronze. As homenagens aos fuzileiros mortos por seus companheiros na defesa do seu dever passaram a fazer parte do calendário oficial de eventos da Marinha. Cerimônias grandiosas com a presença de diversas autoridades do governo e de setores das Forças Armadas eram realizadas todo 11 de maio no Cemitério São João Batista. Em 1945 foi decretada a anistia aos condenados no levante e verifica-se a partir desse momento, o esvaziamento nesses rituais. Entretanto, a memória do evento toma maior impulso no início dos anos 60 e em 1963 é ainda muito concorrida, depois disso desaparece completamente. No Cemitério do Caju também no Rio de Janeiro, foi construído um túmulo em granito negro para homenagear os chamados mártires integralistas. Até hoje cerimônias e homenagens com flores são deixadas no local. A presente comunicação pretende problematizar a construção desses túmulos e suas relações com os usos desse evento na memória institucional da Marinha e dos simpatizantes do Integralismo nos dias atuais. Enquanto para a instituição militar tal evento é ignorado por representar conflitos internos, para os Integralistas ele é reforçado e rememorado como um dos marcos da história do movimento no Brasil.

Palavras-chaves: morte, rituais fúnebres, militares, Integralismo.

Pierre Nora comenta que os lugares de memória não nascem espontaneamente, que as celebrações possuem esse sentido de organizar a memória (NORA, 1982, 13). Em relação aos eventos que envolvem os dois monumentos aqui pesquisados essa é uma afirmação relevante.

Na madrugada do dia 11 de maio de 1938 uma tentativa de golpe de estado ocorreu no Rio de Janeiro, então capital federal. As ameaças de deposição do governo de Getúlio Vargas já eram realidade desde a Intentona Comunista de 1935. Desde novembro de 1937 o país vivia

*Faculdades Integradas Espírita, Doutora em História UFPR, 2014.

sob o Estado Novo, ditadura varguista que extinguiu todos os partidos políticos. A AIB, Ação Integralista Brasileira, movimento nacionalista, com vertente fascista criada em 1932 por Plínio Salgado. Embora nesse momento a AIB apoiasse o governo Vargas, com o Estado Novo, também foi fechada como qualquer agremiação partidária no país. Tal arbitrariedade de Vargas num primeiro momento representou a promoção de elementos integralistas no governo, fato que não ocorreu na realidade.

Em março de 1938 os integralistas iniciam pequenas agitações entre setores da Marinha e procuram numa ação, ocupar a Rádio Mayrink Veiga. Fracassam e a repressão a essa tentativa resulta na prisão de alguns membros, repressão à políticos e militares que apoiaram o movimento. Em maio, no entanto, a ação foi organizada e tinha entre seus objetivos a libertação dos presos políticos da primeira insurreição.

O alvo principal dessa ação era a prisão e deposição de Getúlio Vargas. No Palácio da Guanabara, residência oficial do presidente, a ação é iniciada e num primeiro momento apenas a guarda pessoal mantém a segurança do presidente, o que faz com que os próprios familiares também participem da defesa no golpe. Posteriormente ficou comprovada a participação de membros internos ao Palácio que facilitaram o acesso dos rebeldes nas instalações.

Em outros pontos da cidade a rebelião também foi iniciada na madrugada do dia 11 de maio. Entre os locais destaca-se o Ministério da Marinha, algumas embarcações, e a residência de alguns oficiais da Marinha e Exército.

O movimento foi rapidamente contido em todos os focos de insurreição. Também no Palácio Guanabara, após a chegada do Exército e da Polícia Especial o levante foi contido. O saldo foi de sete baixas de membros revoltosos foram mortos e posteriormente cerca de 1500 foram presos. O grande dirigente da AIB não foi preso, foragido ficou exilado em Portugal até 1945.

Entre os defensores do governo, quatro fuzileiros navais perderam a vida nessa revolta. Além de dois guardas municipais, um responsável pela segurança do presidente no Palácio Guanabara.

Contextualizando esse evento, percebe-se que o mesmo ficou esquecido, tanto nas comemorações/celebrações da Marinha como da historiografia. Um outro acontecimento sempre foi foco de rememoração, a outra Intentona, a Comunista de 1935.

A ideia de possuir um inimigo externo, ameaçador para todos os grupos sempre fortaleceu a memória da Intentona Comunista de 1935. Já o *Putsch* (golpe) do Pijama, outro nome que aparece para se referir ao episódio, não obteve tanto prestígio e mesmo entre os integralistas é uma data não muito celebrada.

Entretanto, dois monumentos fúnebres foram erigidos para homenagear seus mártires em momentos históricos distintos. Um em homenagem aos defensores do governo de Vargas, o túmulo dos Fuzileiros Navais localizado no Cemitério São João Batista do Rio de Janeiro, no início dos anos 40 e outro dos rebeldes. Esse é chamado Mausoléu dos Mártires Integralistas e fica localizado no cemitério São Francisco Xavier, também conhecido como Caju, também na cidade do Rio de Janeiro e sua data de construção é de 1973.

A comparação entre as cerimônias e a utilização política desses mortos por ambos os lados no passado e no presente é a problemática a ser trabalhada no presente artigo.

Discussões: O monumentos fúnebres e celebração

As utilizações políticas do “corpo” do soldado são destacadas em diversos contextos na contemporaneidade. No caso brasileiro, a constante tentativa das instituições militares em construir estes lugares de memória, na tentativa de reforçar a identidade militar e o patriotismo a partir de monumentos fúnebres é uma constante.

A tentativa de golpe do dia 11 de maio de 1938 já foi desde o início tomada como ato de traição da pátria e justificou inúmeras iniciativas que reafirmaram a união e patriotismo entre as Forças Armadas.

A partir de 1939 diversos jornais irão noticiar as celebrações realizadas no dia 11 de maio no Rio de Janeiro em memória dos mortos da Intentona Integralista. Iniciava-se sempre com uma missa ou na Candelária ou na Igreja Santa Cruz dos Militares, seguindo para o Cemitério São João Batista, no bairro de Botafogo no Rio de Janeiro. De 1938 até 1945 identifiquei fotos de sepulturas isoladas dos quatro fuzileiros navais mortos. No Jornal Diário de Notícias do dia 11 de maio de 1946 já aparece a escultura do fuzileiro naval e o túmulo coletivo construído em memória das vítimas integralistas.

Entretanto, do lado dos Integralistas a celebração e ritualística fúnebre era um componente relevante na ideologia difundida por Plínio Salgado desde 1932. Na sua publicação Protocolos de rituais, os rituais fúnebres são valorizados, os mártires da causa sempre são

rememorados. Antes de serem colocados na ilegalidade todos os periódicos integralistas destacavam com requintes mórbidos todos os elementos da morte dos seus integrantes. Todos deveriam ou ser enterrados com o uniforme ou com uma camisa verde por baixo da roupa mortuária.

Fotos dos enterros, dos mortos no caixão, etc, estampavam capas dessas publicações. Além disso, existia o enterro integralista que continha elementos depois utilizados por todos os movimentos nas homenagens aos mortos. Constava da chamada dos defuntos e a resposta dos demais com a palavra “presente”.

O golpe para os integralistas foi ter negado seus hábitos de rituais fúnebres específicos com os mortos rebeldes. Os mesmos demoraram para ser liberados e foram enterrados em covas rasas sem identificação no Cemitério São Francisco Xavier, conhecido como Cemitério do Caju no Rio de Janeiro.

Não se tem certeza da data, mas naquele mesmo ano, um grupo conseguiu entrar no cemitério de madrugada e depositou nas covas uma placa em granito com o nome dos mártires mortos. A mesma não foi retirada do cemitério. O governo varguista também não iria se indispor com algo que era comum na tradição católica de identificar os mortos em sua sepultura.

O mausoléu construído em 1973 ainda conservou essa placa. A iniciativa foi do Instituto carioca de Estudos Brasileiros, formado principalmente por oficiais das Forças Armadas integralistas.

Arte Tumular: alguns aspectos dos túmulos

A sepultura dos fuzileiros navais mortos no cumprimento do dever é um jazigo-monumento. Em mármore preto, seu formato lembra um navio. Ao lado do jazigo existe uma sentinela com o uniforme dos fuzileiros navais.

Detalhes nas duas extremidades do jazigo destacam a presença de esporões, na proa e na popa. São elementos presentes num navio de guerra e que servem para atingir e afundar o navio inimigo numa colisão. A base do jazigo é elevada, um degrau mostra a presença de ondas na parte inferior.



Fig 1 Mausoléu dos Mortos pela Intentona Integralista, Acervo Pessoal.

O formato de navio do jazigo, conforme é apresentada na Figura 1, além de remontar a ideia da embarcação que representava o dia a dia dos fuzileiros navais, também dialoga com o mito de Caronte. Na mitologia grega Caronte é o barqueiro dos mortos, quem faz a travessia entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos. Tal articulação aparece em outros jazigos monumentos da marinha do Brasil, como por exemplo no mausoléu do almirante Alexandrino Faria de Alencar.

Na frente do jazigo consta uma coroa de flores estilizada, em bronze. Essa coroa aparece na figura 1. No centro da coroa está a inscrição Tudo pela Pátria. A coroa possui do lado direito folhas de louro, que tem referência ao triunfo, à vitória. E do lado esquerdo, as folhas são de carvalho, que representam a força moral e física. Tais simbolismos foram incluídos para reforçar a narrativa do túmulo, de que os fuzileiros mortos venceram, irão para o paraíso, e sua força moral é que resistiram pelo bom combate, defenderam a pátria de traidores.

A inscrição abaixo também é didática, já que explica o motivo do jazigo-monumento: Homenagem da Marinha a seus mortos no cumprimento do dever na madrugada do dia 11 de maio de 1938. Interessante a precisão do momento exato da rebelião, durante a madrugada, reforça um agravante ao tentar combater ou surpreender o inimigo no momento em que está literalmente com a guarda baixa. O presidente estava com seu famoso pijama, mesmo modelo que anos depois em agosto de 1954 cometeria suicídio, por isso também o golpe é chamado jocosamente de putsch do pijama.

Do lado esquerdo existe a inscrição com o nome e patente de dois fuzileiros, Fuzileiro Naval 3º Sargento Argemiro José de Noronha, com sua data de nascimento e de morte, dia 11 de maio de 1938. Logo abaixo, Fuzileiro Naval Cabo Manoel Constantino dos Santos, com as datas abaixo. Do lado direito Fuzileiro Naval Cabo Antonio Silva Filho com as datas e por último Fuzileiro Naval Cabo Severiano Mota de Souza. Já no Jornal do Brasil do dia 15 de maio de 1938 foi noticiado que todas as vítimas foram promovidas post mortem de posto. Algo usual nas Forças Armadas em tempo de guerra.

A sentinela em bronze ao lado tem o uniforme de um fuzileiro naval. Em diversos outros monumentos a presença de uma escultura de sentinela é comum em túmulos militares. A ideia é de que o soldado sempre estará lá simbolicamente, velando pela não profanação dos restos mortais de seus companheiros. A ideia de identidade de grupo é reforçada com a sentinela com o mesmo uniforme dos mortos. A obra é do escultor C. Simi.

Em outras oportunidades, mais precisamente no ano de 2016, o túmulo estava bastante escondido por conta da falta de poda da árvore plantada ao lado do mesmo. Como se trata da alameda principal do cemitério e após a terceirização e revitalização da nova operadora do espaço esses cuidados com a manutenção são evidentes. Na aparência as transformações de fato valorizaram esses monumentos, mas a documentação referente a esse terreno como ano de compra, construção do mausoléu, etc. não permaneceram com a administradora do cemitério. Tais acervos estão no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, sem catalogação ou possibilidade de digitalização até o presente momento.

Tentativas foram feitas para consultar esses documentos sem sucesso. Para o Arquivo Histórico da Marinha esse monumento não faz parte de seu acervo, possivelmente foi uma doação do Exército Brasileiro. Enquanto isso, no AHeX, Arquivo Histórico do Exército, a solicitação encaminhada ainda não obteve resposta.

Já o Mausoléu dos Mártires Integralistas possui um estilo mais despojado, como é mostrado na figura 2 com linhas retas e uma cruz na parte superior. Nesse mesmo conjunto escultórico existe a data 11-5-38 abaixo a inscrição *Á todos companheiros que foram acreditando em nós Anauê, pelo bem do Brasil.*



Fig.2 Detalhe do Túmulo dos Mártires integralistas, acervo pessoal

O granito é o material predominante e existe a inscrição com o nome dos mártires Tem Teófilo Jacoud, Dionísio P. da Silva, Artur P. de Hollanda, Mario Salgueiro Viana, Cabo Juvêncio Dias, Waldomiro Petrone, José Rodrigues, Luiz Candido, e por último a palavra PRESENTE. Essa foi a primeira placa colocada na sepultura na terra, ainda em 1938 e na clandestinidade. A reforma e construção do jazigo em 1973 incorporou esse elemento.

No Cemitério do Caju, onde está localizado esse túmulo, existe uma cerimônia em homenagem aos mártires da Intentona Integralista. A chamada nominal é realizada e coroa de flores são colocadas na base da sepultura.

Hoje em dia diversos blogs e páginas em redes sociais divulgam a programação dessas homenagens. Mesmo em outras localidades do país, como Manaus, em 11 de maio de 2017 os participantes do Movimento Integralista brasileiro fizeram suas homenagens aos mortos desse evento e compartilharam em redes sociais essa lembrança.

Considerações Finais: A disputa pela memória e o esquecimento

A maneira como foram referidos os mortos nos periódicos daquele momento, reafirma a ideia de que a morte violenta ou a boa morte em combate merece ser homenageada também na forma de ser expressa. Geralmente a palavra vítima aparece no lugar de morto, em seguida

os motivos são nobres, eles não morrem tombam. No caso dos fuzileiros navais pelo cumprimento do dever.

Pelos jornais da época, os rebeldes foram tratados pelos termos fanáticos, defensores do credo integralista, covardes, etc. Expressões que procuravam enfatizar o ato de loucura que foi atentar contra a vida do próprio presidente da república. No jornal O Globo, de 12 de maio de 1938 a manchete de capa é a frase “Assaltaram o Guanabara para tomar conta do Brasil”.

Tal interpretação não foi comum apenas entre os legalistas. Os próprios integralistas perceberam a tentativa do levante como algo no mínimo contraditório. A popularidade de Getúlio Vargas, a forma como a revolta foi desencadeada e o próprio objetivo da ação foram ou omitidos pelos teóricos integralistas ou desmentidos a posteriori. Atenuando toda a ação que foi amplamente descrita e interpretada pela historiografia.

Os diferentes esforços de rememoração e construção da memória coletiva estão ligados diretamente ao contexto histórico e suas variáveis. Se no momento posterior ao evento os fuzileiros navais mortos foram os celebrados e homenageados, hoje em dia eles estão totalmente esquecidos.

Na consulta ao material disponível da Marinha e dos Fuzileiros Navais do Brasil, a data não aparece mais na coluna comemorações. Fotos de homenagens aos mortos nunca mais tiveram aquele túmulo como foco de celebração. Geralmente são almirantes e patronos da Marinha, no mesmo cemitério, mas o evento em si não é sequer mencionado. Essa atitude demonstra o tabu de um trauma histórico dentro dessa Força. Ainda que o lema de todas as Forças Armadas do Brasil seja a coesão, esse evento representou a ruptura e a traição contra um chefe de estado, algo profundamente contraditório nos preceitos desses soldados.

Merece destaque, porém, o fato de a última menção ao evento ter aparecido justamente no dia 11 de maio de 1963, em que a manchete do jornal Correio da Manhã fala que foi reverenciada a memória das vítimas de 1938. Justamente um ano depois, o golpe militar de 1964 levaria ao poder alguns integralistas que naquele momento foram os vilões.

Por outro lado, se aos membros integralistas foi negada qualquer cerimônia ou ritualística, tão comum entre seus outros mártires, no período posterior ao evento, desde 1973 e mais frequentemente depois de 1989 esse panorama foi totalmente modificado.

Em diversos sites e blogs, além de páginas de integralistas nas redes sociais a celebração desse evento cada ano ganha novo formato. Sempre no sentido de aumentar a ação e celebrar o

feito, mostrando que foi ato de coragem e não covardia, que os membros tentavam salvar o Brasil de uma ditadura, etc. Além de se nomearem como únicos a ter a coragem de se insurgir diante daquele governo, o levante é narrado como sendo nacionalista e combativo dos banqueiros estrangeiros que naquele momento é que comandavam os destinos da nação.

Em 2014 o evento integralista comemorou os 76 anos do levante integralista. Nos sites dos grupos a comemoração no Cemitério do Caju foi diversa, com bandeiras azuis com o Sigma, diversos integralistas compareceram às homenagens aos mortos. O discurso nesses eventos é que o levante queria proteger o país de uma ditadura Vargasista. A memória é atualizada e as disputas internas, entre as discussões dos integralistas sobre o levante, seus fracassos e suas intenções desaparece em nome de uma atualização do evento.

Mesmo assim, disputas internas pelos chamados novos grupos de integralistas acabam utilizando o Mausoléu como palco para suas discussões. De acordo com a pesquisa realizada por Rogério Lustosa Victor (VICTOR, 2004, p.76), em 2002, o 70º ano integralista, um membro se suicidou no Cemitério do Caju, em frente ao Mausoléu Integralista. Na carta de despedida utiliza os mesmos termos, pelo bem do Brasil, Anauê, etc. Aparentemente eram disputas internas com outros grupos de integralistas que provocaram a decisão trágica desse membro. Esse evento reforça a importância simbólica desse mausoléu para o imaginário do integralismo na contemporaneidade.

Enquanto a questão identitária do túmulo dos fuzileiros navais foi se perdendo com o passar dos anos, a questão ideológica do que defendiam os integralistas foi se fortalecendo. Hoje essa celebração é rememorada por esse grupo como um marco de sua luta. Para os fuzileiros navais restou o esquecimento.

Referências Bibliográficas

- CHEVALIER, JEAN. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- FAGUNDES, Pedro Ernesto. **Morte e memória: a necrofilia política da Ação Integralista Brasileira (AIB)** Revista Varia hist. vol.28 no.48 Belo Horizonte July/Dec. 2012
- HISTÓRIA NAVAL BRASILEIRA**, Quinto Volume Tomo II, Rio de Janeiro: Ministério da Marinha, 1985.



MCCANN, Frank D. **Aliança Brasil Estados Unidos 1937/1945**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1995.

TRINDADE, Hélió. **Integralismo** (o fascismo brasileiro na década de 30) São Paulo: Difel, 1975.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Revista de Pesquisa Histórica. São Paulo, 1993.

VICTOR, Rogério Lustosa. **O Integralismo nas águas do Lete: história, memória e esquecimento**. Dissertação de mestrado, UFG, 2004.

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 11 DE MAIO DE 1946, p. 6

JORNAL O GLOBO, 12 DE MAIO DE 1938, p.1

JORNAL CORREIO DA MANHÃ, 11 DE MAIO DE 1963, p.12

JORNAL DO BRASIL, 15 DE MAIO DE 1938, p.6